



GT 51. Historiografia das antropologias: práticas, teorias, métodos, histórias

Coordenador(es):

Peter Schröder (UFPE - Universidade Federal de Pernambuco)

Christiano Key Tambascia (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

A antropologia vem experimentando nas últimas décadas uma renovação do interesse pela sua história. No âmbito dessa retomada, livros, artigos e painéis em congressos vêm discutindo essa disciplina do Renascimento em diante, se confrontando com questões como a formação e instituição da etnografia e da antropologia, as bases filosóficas de suas epistemologias, a constituição de tradições nacionais e genealogias alternativas às narrativas mainstream, bem como com práticas de campo, métodos e teorias, além da relação entre o fazer etnográfico e as relações de poder. Unem-se, à historiografia da antropologia praticada por pensadores bem estabelecidos em universidades, aquelas acerca de profissionais com vínculos institucionais frágeis, intermitentes ou inexistentes, naturalistas, missionários e etnógrafos amadores. Museus e sociedades científicas vêm tendo sua atuação repensadas; além de interpretações e pesquisas bibliográficas, arquivos e memórias são sujeitos a novas análises. O GT busca contribuir para a historiografia das antropologias praticadas no Brasil e em outros contextos nacionais e transnacionais. O painel se situa num campo interdisciplinar, entre história, antropologia e historiografia das ciências, e está aberto a contribuições que enfocam estudos de caso ou das tradições nacionais e transnacionais, estudos biográficos ou arquivísticos, análises de teorias e métodos e ainda reflexões sobre métodos em historiografia das antropologias.

Roberto Cardoso de Oliveira e a história da antropologia do Brasil: trajetória e institucionalização da disciplina

Autoria: Amanda Gonçalves Serafim (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) foi um importante antropólogo brasileiro, suas principais contribuições foram através das pesquisas sobre as relações interétnicas e sobre o fazer antropológico no Brasil e em outros países periféricos. Cardoso de Oliveira foi também dos principais responsáveis pelo processo de institucionalização da disciplina no Brasil, participando da criação de programas de mestrado e doutorado no Museu Nacional, na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e participou de comissões de avaliação da pós-graduação nacional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Além de sua contribuição para a disciplina desenvolvida no Brasil, o antropólogo estabeleceu fortes relações com a Universidade de Harvard, com a Fundação Ford ? no Brasil e nos EUA ?, assim como com o México e com a América Latina; dessa maneira sua reflexão sobre a produção e formação da disciplina ultrapassaram também as fronteiras nacionais. Cardoso de Oliveira reuniu milhares de documentos vislumbrando a importância que esse material poderia contribuir para essa história, assim organizou e doou esse material, ainda em vida, ao Arquivo Edgard Leuenroth (AEL). Esse material possibilita a compreensão da indissociabilidade entre a análise do projeto intelectual e institucional da antropologia no Brasil e uma reflexão sobre uma rede de relações interpessoais de seus praticantes, o que marcou e ajudou a consolidar a disciplina no país. A partir disso, propõe-se uma reflexão sobre a trajetória de Cardoso de Oliveira e o processo de institucionalização da antropologia no país através de uma análise junto a sua documentação pessoal e a depoimentos ? recolhidos no âmbito desta investigação ?, de antropólogos que tiveram uma relação pessoal e institucional próxima a Cardoso de Oliveira. Viso dessa forma refletir sobre a



historiografia produzida sobre a disciplina no país, especialmente em sua fase de profissionalização na segunda metade do século passado, através de uma trajetória específica deste processo e com um olhar sobre a questão a partir de novos materiais.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: